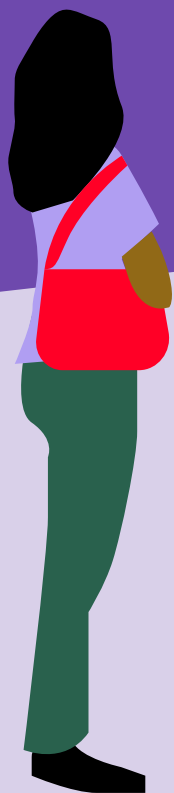


SEM PARAR

o trabalho e a vida
das mulheres na pandemia



PESQUISA

SEM PARAR

o trabalho e a vida
das mulheres na pandemia



ÍNDICE

Apresentação	05
Autoras e organizações	07
Nota metodológica	08
Números em destaque	11
Perfil	19
Capítulo 1 Trabalho e impactos da pandemia da sustentação das casas	24
Capítulo 2 A responsabilidade com o cuidado é parte da vida das mulheres	29
Capítulo 3 Relações, sentimentos e violência	42
Considerações finais Pistas para priorizar a sustentabilidade da vida na reorganização da economia	50

APRESENTAÇÃO

A pandemia causada pelo novo coronavírus alterou as dinâmicas de vida, trabalho e cuidado na sociedade. Entre tantas dimensões de desigualdades evidenciadas neste período, a sobrecarga de trabalho doméstico e de cuidado foi uma das questões que as mulheres sentiram logo que as medidas de isolamento social foram iniciadas nos municípios brasileiros. Contraditoriamente, essa questão aparece com mais destaque justamente em um momento em que o cuidado passou a se reconcentrar nos domicílios, dada a necessidade de interromper o funcionamento presencial de instituições fundamentais para o cuidado, como creches e as escolas.

Essa pesquisa, realizada por **Gênero e Número** e **SOF Sempreviva Organização Feminista**, teve o objetivo de conhecer as dimensões do trabalho e da vida das mulheres durante a pandemia.

Os eixos da pesquisa tratam dos efeitos da crise da saúde e do isolamento social sobre o trabalho, a renda das mulheres e a sustentação financeira, contemplando o trabalho doméstico e de cuidado realizado de forma não remunerada no interior dos domicílios.

Os resultados da pesquisa apresentados neste relatório demonstram que as dinâmicas de vida e trabalho das mulheres se contrapõem ao discurso de que “a economia não pode parar”, mobilizado para se opor às recomendações de isolamento social. Os trabalhos necessários para a sustentabilidade

da vida não pararam – não podem parar. Pelo contrário, foram intensificados na pandemia. A pesquisa indica como as desigualdades raciais e de renda marcam a vida e o trabalho das mulheres na pandemia, assim como a diversidade de experiências de mulheres rurais e urbanas.

Agradecemos a todas as mulheres que contribuíram com essa pesquisa. Esperamos que os resultados aqui discutidos contribuam para tirar da invisibilidade aspectos fundamentais para a vida em comum, e que as lacunas e novas questões que ainda precisam ser abordadas e aprofundadas sigam inspirando novas investigações que coloquem a sustentabilidade da vida no centro, condição para construir igualdade.

Este trabalho está sob uma licença Creative Commons CC BY NC 4.0 BR. Esta licença permite que o material seja remixado, adaptado e gere obras derivadas sobre a obra original, desde que com fins não-comerciais e que atribuam crédito às autoras.

Acesse também em: mulheresnapandemia.sof.org.br

AUTORAS E ORGANIZAÇÕES REALIZADORAS DA PESQUISA

A **Gênero e Número** é organização de mídia que trabalha na interseção do jornalismo de dados, da pesquisa e do debate sobre direitos das mulheres, visibilizando e produzindo dados, a partir de narrativas, estudos e pesquisas. O propósito do trabalho, balizado pelas agendas feminista e da transparência pública, é gerar e repercutir informação qualificada e verificada para embasar discursos de mudança, contribuindo assim para a construção de uma sociedade mais justa, menos desigual entre gêneros, raças e classes. Fundada e dirigida por mulheres, a Gênero e Número tem a colaboração e a parceria entre organizações como premissa, com o objetivo de fortalecer pontes entre a sociedade civil, a mídia e os centros de pesquisa.

Para saber mais, acesse: www.generonumero.media

A **SOF Sempre Viva Organização Feminista** expressa sua razão de ser em três palavras-chave: movimento social, transformação e feminismo. Isso sintetiza uma trajetória que começa em 1963 e que combina algumas formas de atuação: participação nos movimentos sociais a partir do feminismo; assessoria a organizações mistas e de mulheres, movimentos sociais e órgãos de governo; formação para fortalecimento de grupos e dirigentes sociais, a partir da metodologia de educação popular, da elaboração feminista e da organização de publicações. A economia feminista é, para a SOF, uma ferramenta de luta e transformação. É ela que orienta a atuação da SOF junto com mulheres rurais e urbanas, na construção da economia solidária e da agroecologia, na Marcha Mundial das Mulheres e em alianças com outras organizações, na Rede Economia e Feminismo e no GT Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia.

Para saber mais, acesse: www.sof.org.br

Gênero e Número

Giulliana Bianconi
Natália Leão
Marília Ferrari

SOF

Helena Zelic
Thandara Santos
Renata Moreno

NOTA METODOLÓGICA

Essa pesquisa foi orientada pela economia feminista e pelos estudos feministas sobre trabalho. A pesquisa foi realizada por meio de um questionário online composto por 52 questões fechadas, divididas em oito blocos. O primeiro bloco levantou o perfil das entrevistadas. O segundo bloco, a composição dos domicílios das entrevistadas e a situação durante a pandemia relacionadas às medidas de isolamento social. O terceiro bloco foi dedicado a compreender as percepções das mulheres sobre a pandemia, incluindo as condições para a prevenção e as consequências para a sustentação financeira dos domicílios. O quarto bloco introduz a questão do trabalho doméstico, seguido de um bloco onde são destacadas as questões sobre as mudanças experimentadas na realização do trabalho doméstico e de cuidado durante a pandemia.

O bloco seis introduz questões específicas sobre a responsabilidade com o cuidado direto de outras pessoas, e é seguido, no bloco sete, de questões complementares sobre as mudanças experimentadas na realização do cuidado durante a pandemia. As questões relativas ao trabalho doméstico e de cuidado tiveram como base o módulo “Outras formas de trabalho”, da PNAD Contínua. No entanto, algumas tarefas que compõem os chamados “afazeres domésticos” foram desmembradas com o objetivo de compreender melhor os ritmos e intensidade de tarefas cujas demandas cotidianas podem ser distintas. Por fim, o oitavo bloco aborda a questão da violência doméstica, bem

como os sentimentos e emoções vividos pelas entrevistadas. Ao final do questionário, as entrevistadas tinham um espaço livre para escrever comentários sobre a pesquisa e outras questões que desejassem.

O período de coleta de dados se deu por duas semanas, de 27/04/2020 a 11/05/2020, através da plataforma Survey Monkey. O método "bola de neve" foi utilizado pela coleta online. Esta se deu primeiramente com o disparo para um grupo diverso de mulheres, nos diferentes estados brasileiros, com pedidos de repasse para outros grupos.

O número de casos coletados foi 2.641 respostas. Para que nossa amostra fosse representativa para o Brasil, criamos a variável "peso_amostral", que deve ser utilizada para todas as estimativas, exceto a renda familiar. Esta variável gera um *population size* = 97.346.917 a partir das 2.641 observações do banco. Ou seja, ela dá pesos diferentes para categorias das variáveis "raça" e "área de residência" de modo que se tornem iguais à distribuição racial e de moradoras das áreas rurais e urbanas do Brasil.

A variável "peso_amostral" não serve para as tabulações de renda familiar, pois alguns estratos de renda familiar por raça não foram contemplados na amostra. Portanto, foi criada uma outra variável de peso para tabulações com renda familiar, que é a variável "peso_renda".

A pesquisa reuniu dados em meio ao universo da população brasileira, mais especificamente entre aquela que dispõe de algum equipamento digital com acesso à internet, configurando

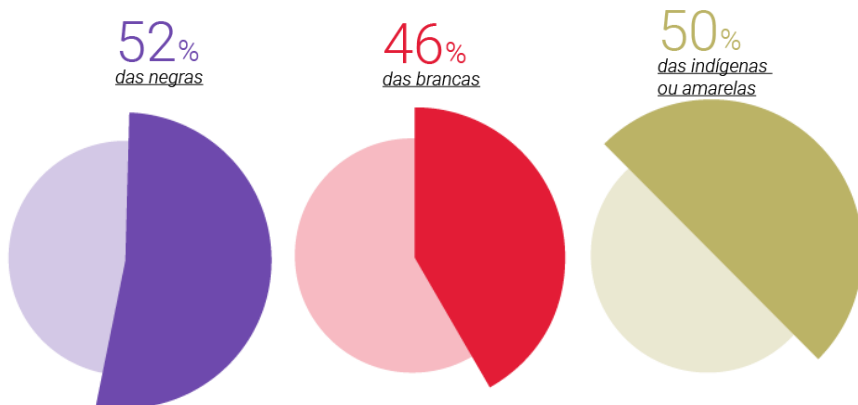
uma amostra não probabilística com viés de conveniência. Para que a amostra se tornasse representativa da população brasileira, considerou-se, ao estimar os pesos, uma amostra aleatória simples, sem reposição (cada pessoa só poderia responder uma vez). Os pesos utilizados para as análises dos resultados foram calculados especificamente para aqueles que responderam ao questionário, considerando-se o estrato da área de residência, raça/cor, sexo e renda familiar. Para os estratos de residência, raça/cor e sexo, o peso amostral é a representação da unidade da amostra multiplicada pelo valor que ela representa na população. Essa técnica de amostragem considera a probabilidade de inclusão na amostra, ou seja, o quanto um indivíduo representa o grupo ao qual ele pertence.

NÚMEROS EM DESTAQUE

50% das mulheres brasileiras passaram a cuidar de alguém na pandemia.

No caso das mulheres rurais esse percentual alcança 62% das entrevistadas. O cuidado está no centro da sustentabilidade da vida. Não há a possibilidade de discutir o mundo pós-pandemia sem levar em consideração o quanto isso se tornou evidente nesse momento de crise global, que nos fala sobre uma “crise do cuidado”. Não se trata de um problema a ser resolvido, nem de uma demanda a ser absorvida pelo mercado. Trata-se de uma dimensão da vida que não pode ser regida pelas dinâmicas sociais pautadas no acúmulo de renda e de privilégios. Não deu certo até aqui sendo assim. A organização do cuidado ancorada principalmente na exploração do trabalho de mulheres negras e no trabalho não remunerado das mulheres é um fracasso retumbante para a busca de redução das desigualdades antes e durante a pandemia do coronavírus.

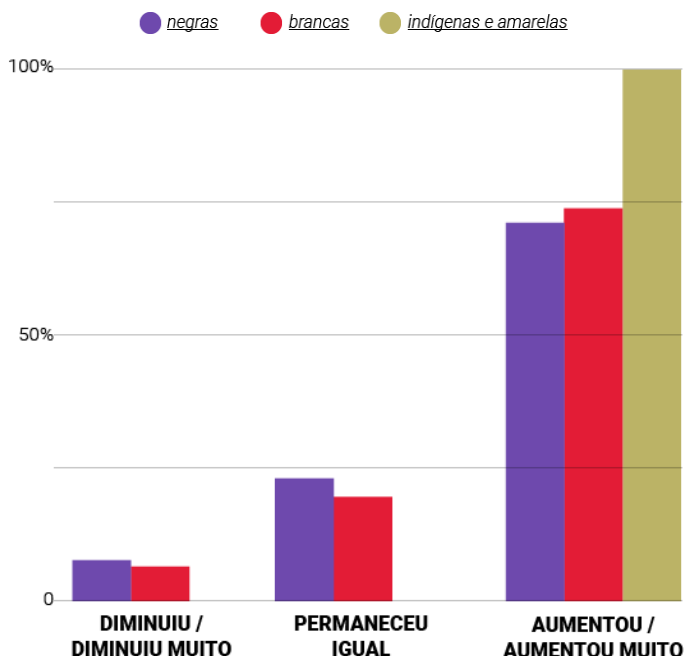
Mulheres que passaram a se responsabilizar pelo cuidado de alguém
por raça



72% afirmaram que aumentou a necessidade de monitoramento e companhia.

Entre as mulheres responsáveis pelo cuidado de crianças, idosos ou pessoas com deficiência, quase $\frac{3}{4}$ fizeram essa afirmação. Essa é uma dimensão do cuidado muitas vezes invisibilizada, pois não se trata de uma atividade específica como é o auxílio na alimentação, por exemplo. Em casa, os tempos do cuidado e os tempos do trabalho remunerado se sobrepõem no cotidiano das mulheres: mesmo enquanto realizam outras atividades cotidianas, seguem atentas.

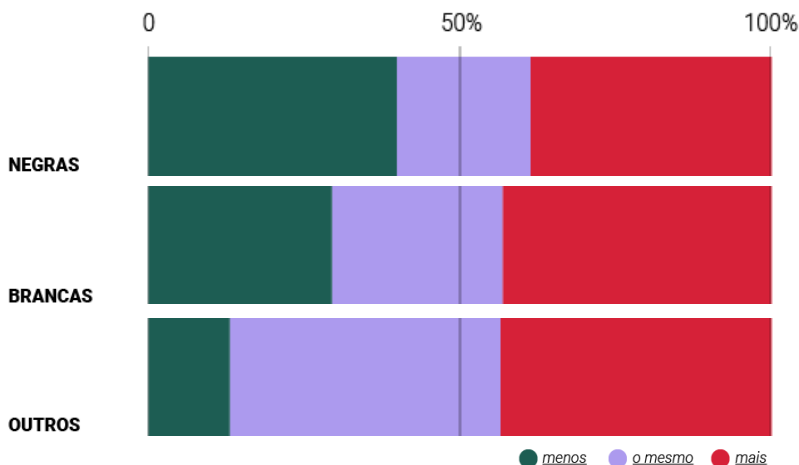
Entre as que cuidam, a percepção sobre o trabalho de **monitorar ou fazer companhia** dentro do domicílio:



41% das mulheres que seguiram trabalhando durante a pandemia com manutenção de salários afirmaram trabalhar mais na quarentena.

A maior parcela delas é branca, urbana, concluiu o nível superior e está na faixa dos 30 anos. Uma camada privilegiada, sem dúvida. Mas a crise sanitária sacudiu as estruturas em todas as casas de mulheres trabalhadoras. Entre as que responderam que estavam trabalhando mais do que antes da quarentena, 55% delas são brancas e 44% são negras. Transformadas em atividades remotas, as jornadas de trabalho se estendem. Além disso, as relações entre trabalho e atividades domésticas se imbricaram ainda mais, e se antes pagar por serviços era a solução possível para algumas, a pandemia mostrou a intensificação do trabalho das mulheres. Elas trabalham mais porque as tarefas ainda não são distribuídas igualmente no ambiente doméstico.

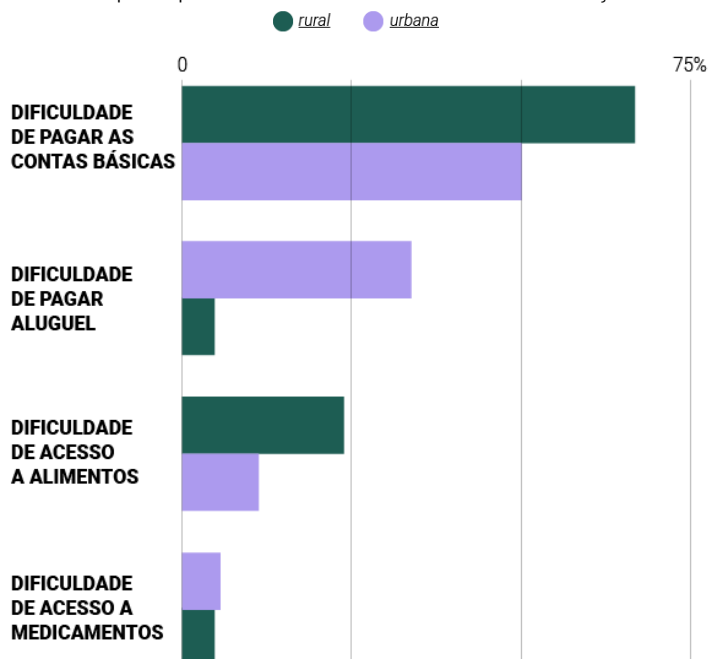
As mulheres que seguem com manutenção de salário consideram que **estão trabalhando**:
(em relação a antes da quarentena)



40% das mulheres afirmaram que a pandemia e a situação de isolamento social colocaram a sustentação da casa em risco.

A maior parte das que têm essa percepção são mulheres negras (55%), que no momento em que responderam à pesquisa tinham como dificuldades principais o pagamento de contas básicas ou do aluguel. Como a pesquisa tem recorte por escolaridade também, ficou evidente que para as respondentes que têm até o Ensino Médio, a dificuldade no acesso a alimentos também foi uma preocupação.

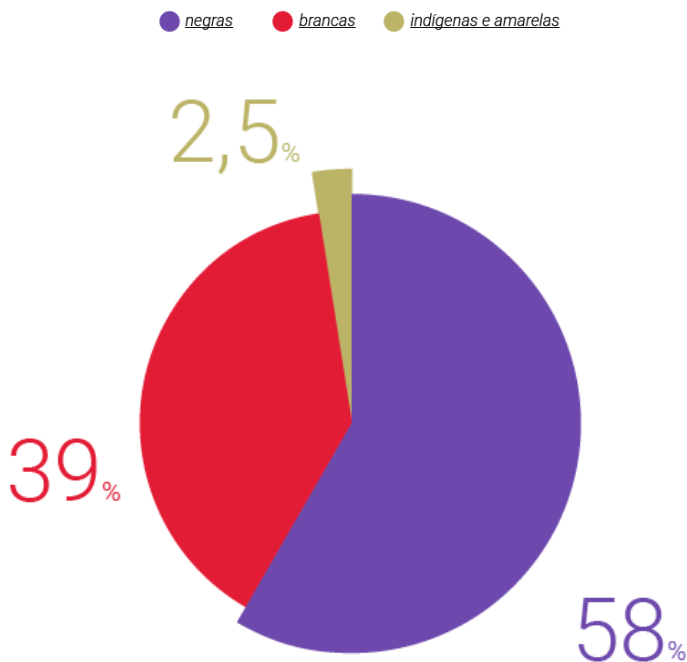
Dificuldades observadas pelas mulheres urbanas e rurais que concordam que a pandemia ofereceu risco à sustentação da casa



58% das mulheres desempregadas são negras.

Não é à toa que a sensação de estar em risco é maior entre as mulheres negras. No Brasil, historicamente, a taxa de ocupação de pessoas brancas é maior em relação às pessoas negras. É preciso humanizar a leitura dos dados e destacar que “a taxa” representa milhares de pessoas que estão sempre em condição de vulnerabilidade. O que a pesquisa agora revela é o quanto maior é essa taxa, entre as mulheres (por raça) no momento da pandemia

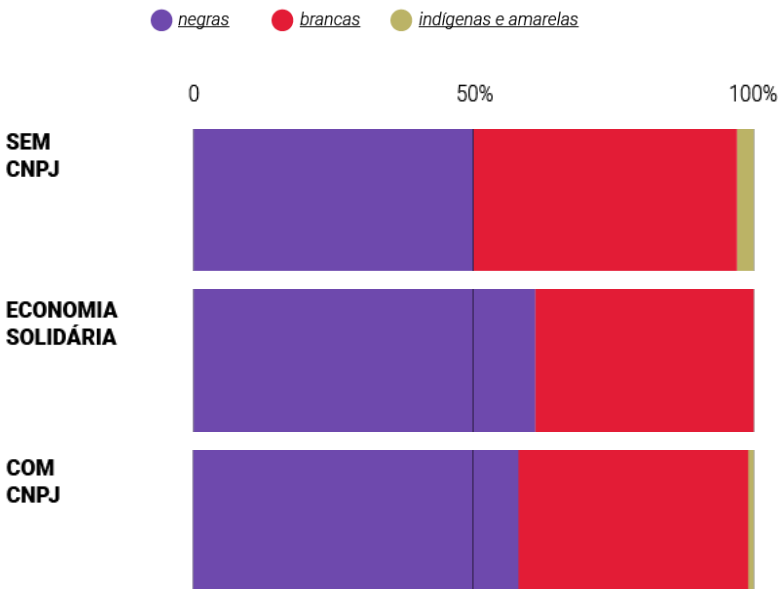
Durante a pandemia: mulheres desempregadas



61% das mulheres que estão na economia solidária são negras.

Se estão na base da pirâmide social pressionadas pela estrutura que as desafia na conquista do direito à renda, as mulheres negras que trabalham por conta própria têm estratégias de cooperação mais presentes no seu dia a dia. Elas são a maioria em relação às brancas entre as que veem a produção e a distribuição como processos a serem compartilhados. A pesquisa não aborda quais tipos de atividades predominam entre as mulheres que estão na economia solidária, mas evidencia diferenças nos arranjos econômicos entre raças.

Durante a pandemia: mulheres trabalhando por conta própria



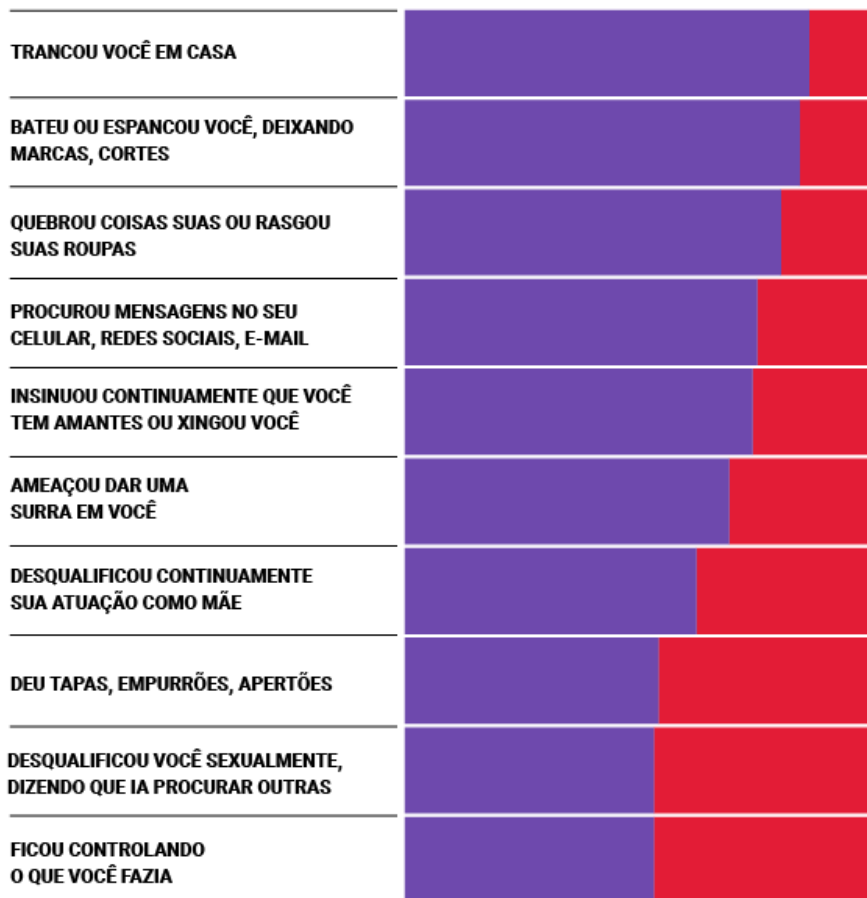
8,4% das mulheres afirmaram ter sofrido alguma forma de violência no período de isolamento.

Sobre a percepção de violência, 91% das mulheres acreditam que a violência doméstica aumentou ou se intensificou durante o período de isolamento social. Quando perguntadas sobre suas experiências pessoais, no entanto, somente 8,4% das mulheres afirmaram ter sofrido alguma forma de violência no período de isolamento. Esse percentual aumenta entre as mulheres nas faixas de renda mais baixa. Entre as mulheres com renda familiar de até 1 salário mínimo, 12% afirmam ter sofrido violência; e, entre as mulheres rurais com a mesma renda, 11,7% relataram a violência. Compreender a disparidade entre percepções gerais das mulheres e seus relatos sobre suas experiências exige compreender e dar visibilidade a uma dinâmica complexa de formas de violências que se reproduzem nas relações cotidianas e íntimas e cujo reconhecimento é ainda um desafio que se impõe às ações de enfrentamento à violência contra a mulher.

A visualização dos dados se encontra na próxima página.

Entre as mulheres que sofreram violência:

● *negras* ● *brancas* ● *indígenas e amarelas*



PERFIL

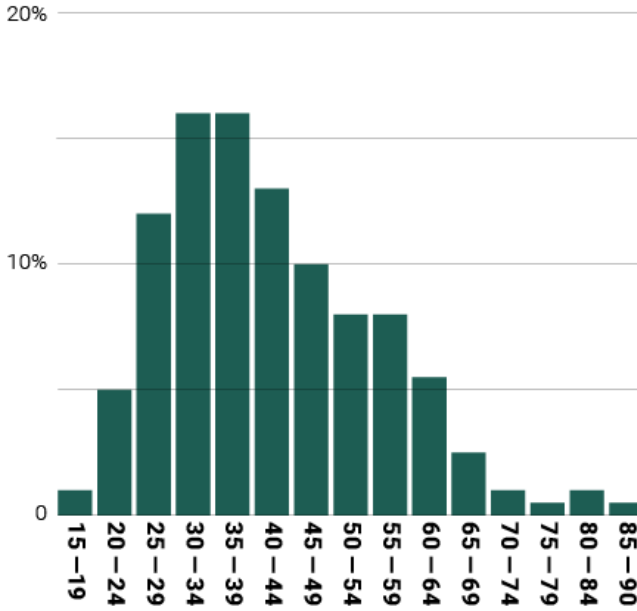
Enquanto o questionário online esteve aberto, somou 2.676 respondentes, e 2.641 foram validadas para as análises. O perfil das mulheres participantes da pesquisa indica uma maioria urbana - 85% diante de 15% que vivem no campo -, trabalhadora e responsável por pelo menos 50% da renda familiar. As que ganham mais de 5 salários mínimos não representam nem 10% do total, e 80% delas recebem até 2 salários mínimos. São predominantes os grupos de mulheres que dividem a casa com companheiro(a), 30,7%, e com familiares adultos, 25%. Do total, 14% afirmam dividir com filhos, enteados, sobrinhos ou netos. Há uma parcela de 11% que declarou morar sozinha.

Houve respondentes em todas as faixas etárias entre 15 e 89 anos, sendo a média de idade 41 anos. A presença de brancas e negras é bem equilibrada entre as participantes da pesquisa, enquanto amarelas e indígenas têm representação baixa (1%). Metade das mulheres, inclusive com equilíbrio entre brancas e negras, acessa algum tipo de benefício social ou programa de transferência de renda, o que não está necessariamente relacionado a auxílios emergenciais da pandemia.

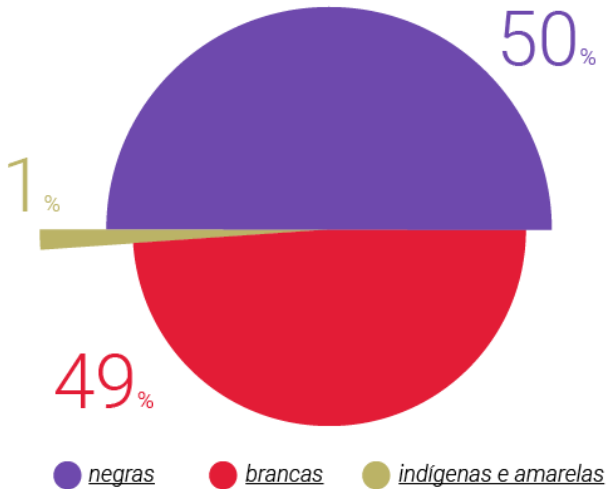
A maior parte das mulheres, $\frac{3}{4}$ delas, afirma ter pelo menos Ensino Superior Completo, enquanto 14% possuem até o Ensino Médio. Na dinâmica da moradia, predominam contratos de aluguel e a casa própria, mas ainda há mulheres sem residência ou compartilhando cômodos, o que torna qualquer leitura sobre a condição de vida na pandemia ainda mais crítica.

Veja mais sobre o perfil na página seguinte:

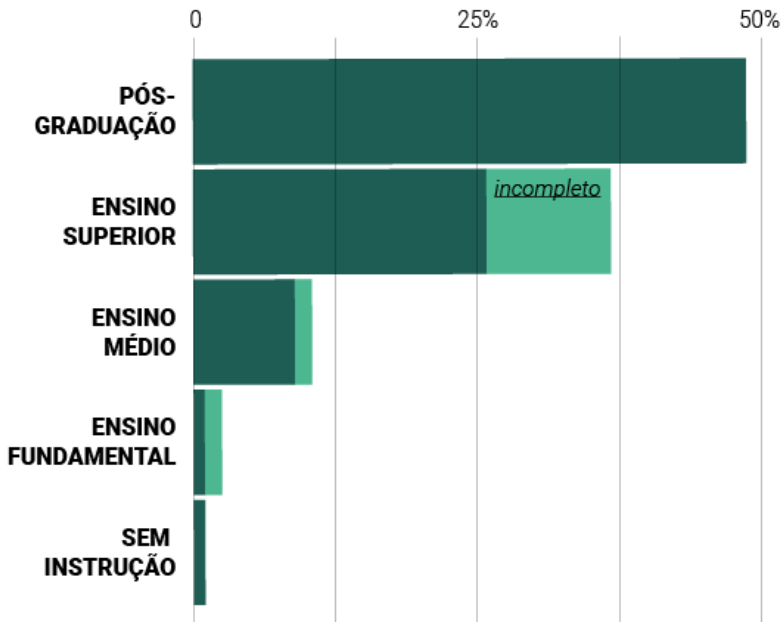
Idade:



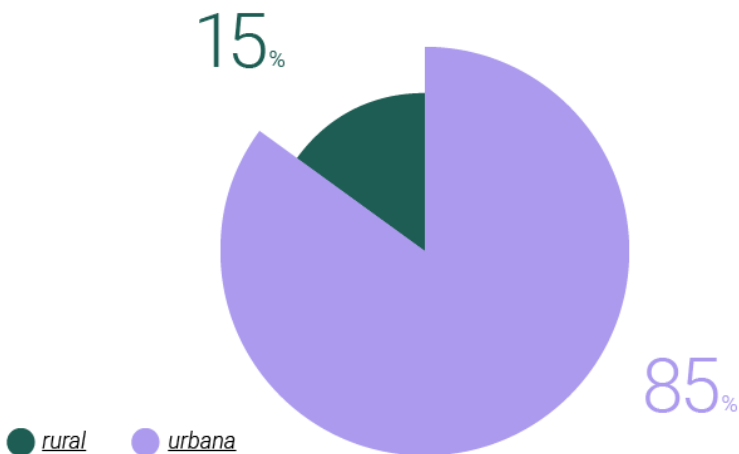
Raça:



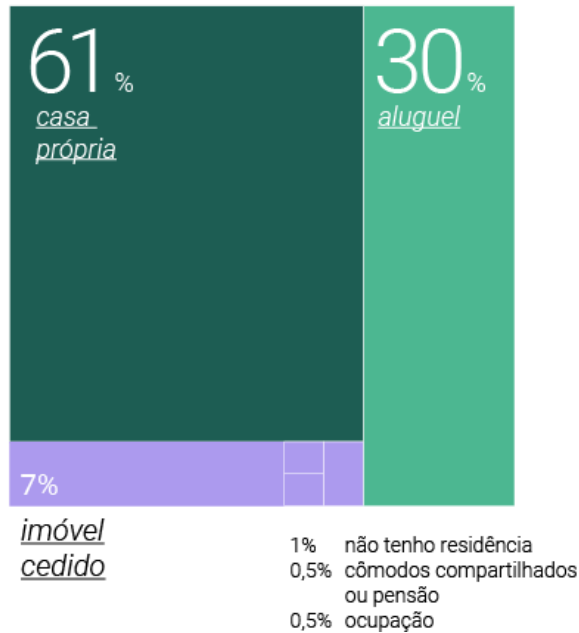
Escolaridade:



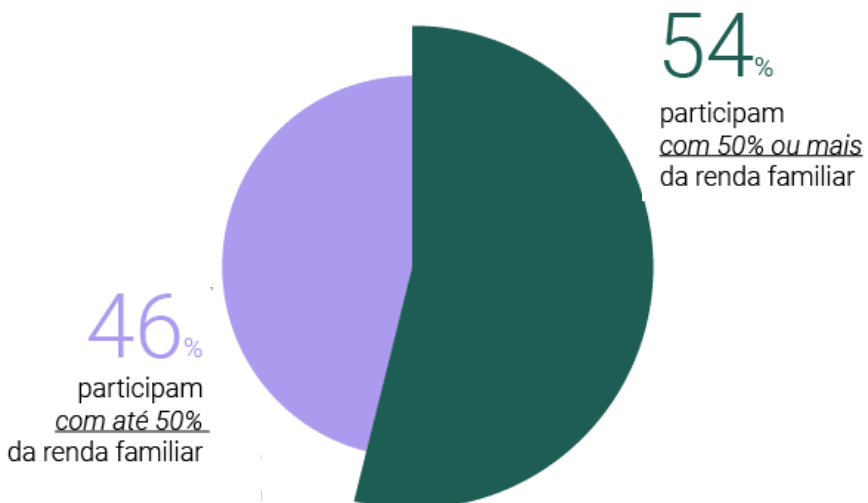
Área residencial:



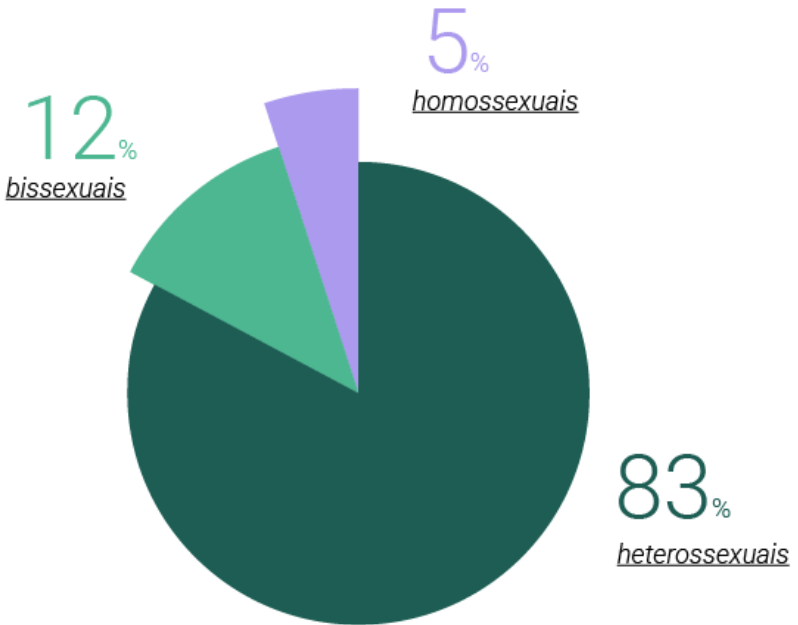
Situação de moradia



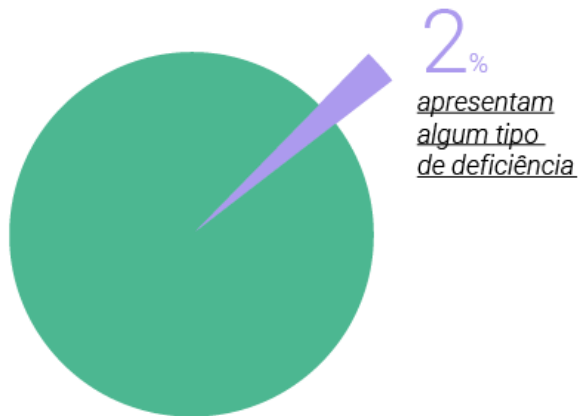
Participação na renda familiar



Orientação sexual



Condição física e mental



CAPÍTULO 1

TRABALHO E IMPACTOS DA PANDEMIA NA SUSTENTAÇÃO DAS CASAS

No momento desta pesquisa, em pleno isolamento social no Brasil, 53% das mulheres afirmaram seguir trabalhando a partir de casa com manutenção do salário. Para 8% delas, o trabalho à distância havia se tornado inviável, não podia mais ser realizado naquele contexto, embora também seguissem sendo remuneradas. As que tiveram prejuízo de renda e agora estavam em casa sem trabalho remunerado somaram quase 16% de todas as entrevistadas: sem dúvida, um alerta sobre o impacto da crise na renda familiar e na sustentação das casas, sinalizado desde o início por economistas e confirmado em dados dessa pesquisa e nos relatos das mulheres.

Embora renda seja um direito, esta pesquisa mostra que há uma dinâmica de sustentação das casas brasileiras onde o trabalho delas realizado a partir do domicílio, seja como donas de casa ou incluindo alguma remuneração, é muito presente. Essas mulheres são 23% na pesquisa, e afirmam que “a situação de trabalho se mantém porque já trabalhavam de casa ou eram donas de casa”.

Se o impacto da pandemia do coronavírus no acesso à renda pelas mulheres depende em parte do tipo de atividade realizada e das relações de trabalho pré-estabelecidas, há algo inerente a esse momento: uma alta percepção do risco. A leitura de que há a possibilidade de gastos essenciais não serem cobertos por conta do contexto de crise e isolamento social é feita por 40% das mulheres, a maioria delas negra (22%).

Comentários deixados pelas entrevistadas ao final da pesquisa observam a necessidade de considerar que estavam trabalhando em casa, porém que sua renda havia diminuído, chamando a atenção para os impactos da Medida Provisória 936 em suas vidas.

"Eu estou fazendo isolamento e trabalhando de casa, porém minha renda despencou."

"A empresa reduziu o pagamento a apenas 50% sem reduzir a jornada (minha situação é informal) e isso me força a reorganizar a vida financeira, porque acabo tendo ainda mais gastos com mercado, energia, etc."¹

DIFERENÇAS ENTRE RURAL E URBANO NA PERCEPÇÃO DA SUSTENTAÇÃO

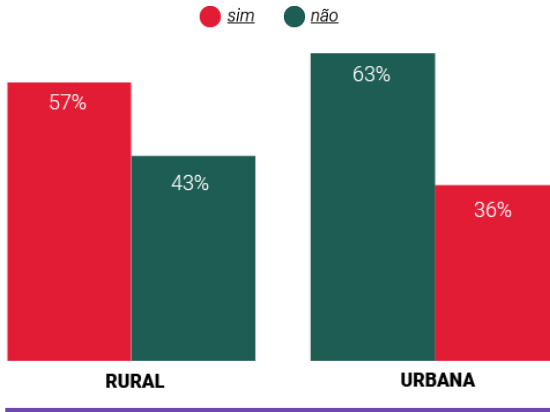
Há uma diferença relevante a ser notada na percepção entre mulheres que vivem no campo e mulheres urbanas sobre o risco à sustentação da casa na pandemia. A maior parte das mulheres do campo respondeu "sim" a essa questão, enquanto a maior parte das urbanas respondeu "não".

Quando se observa os dois grupos de forma isolada, "mulheres no ambiente urbano" e "mulheres no ambiente rural", também fica evidente que o impacto imediato para as rurais é maior: as que responderam "Estou em casa sem trabalhar, com prejuízo de renda" representam 44% do total das mulheres que veem a sustentação ameaçada. Já essa resposta foi dada por 12% das mulheres urbanas que também veem risco estrutural.

Para quem está no campo ou na cidade, entretanto, a principal dificuldade percebida, em caso de falta de renda, é "pagar as contas básicas". Mas é interessante destacar que quando

1. Todas as citações em roxo são comentários de entrevistadas, redigidos por elas no final do questionário.

A pandemia do coronavírus
e a situação de isolamento social
colocaram a sustentação
de sua casa em risco?



respondem sobre o risco de não pagar o aluguel, esse se mostra um “problema” urbano. Nem 5% das mulheres do campo que responderam à questão assinalaram essa possível dificuldade, que esteve presente em 34% das respostas das mulheres que estão na cidade e percebem risco na sustentação. Um dado que revela o quanto é necessário olhar para esses contextos no enfrentamento à crise compreendendo suas especificidades².

MAIOR CUSTO DE MANUTENÇÃO TAMBÉM PRESSIONA MULHERES

A alta do custo de manutenção da casa foi percebido por 43% das mulheres que responderam que “a sustentação não estava em risco”, e está relacionado justamente a maior presença dos moradores no domicílio, mas também ao funcionamento da casa. Dessa forma, o impacto financeiro foi percebido mesmo quando

2. Leia a entrevista com Atiliana Brunetto, da Direção Nacional do MST.

a situação de renda não se mostrava precária ou ameaçada.

Lidar com esse cenário pode significar viver num estado de atenção e tensão. Não é algo secundário na sustentabilidade da vida ter a renda afetada ou vislumbrar a possibilidade de não ter meios para pagar o aluguel. Some-se a isso uma rotina na pandemia com sobreposições de responsabilidades do trabalho remunerado e do trabalho doméstico e de cuidados, uma realidade que, de acordo com 61,5% das mulheres, dificulta o trabalho remunerado - para 4% delas inviabiliza totalmente, e para 34,5% não dificulta.

Dessa forma, embora a maioria das entrevistadas tenha respondido que está cumprindo o isolamento social, entre aquelas que responderam não estar, 38,6% justificaram dizendo que “não pode parar de trabalhar para não ficar sem renda”, e 17,7% afirmaram que “o empregador não permite que fique em casa”.

Um impacto indireto do trabalho durante a pandemia na sustentação das casas deve ser observado nesse cenário: a exposição a ambientes onde correm risco de se contaminar e, conseqüentemente, contaminar a outros moradores - o que também pode sobrecarregar o orçamento com custos com remédios ou tratamentos de saúde.

SITUAÇÃO DE EMPREGO X RAÇA

Mesmo que a maioria das mulheres tenha afirmado estar realizando trabalho remunerado no momento desta pesquisa, é importante observar como se distribuem, por raça, em diferentes situações de emprego aqui apresentadas.

Entre todas que responderam estar empregadas, 52,5% são brancas, 45,5% são negras e 2% são indígenas ou amarelas.

Entre as que responderam “estar empregada no setor público”, 51,6% são negras, 47% são brancas e 1,4% é indígena ou amarela. Entre todas as que declararam estar no setor informal, tanto negras quanto brancas representam 49%. E entre as que assinalaram trabalhar por conta própria, 41% são negras e 58,5% são brancas.

Apesar de as mulheres brancas serem maioria no grupo das que trabalham por conta própria, na economia solidária, considerada uma dimensão dessa situação de trabalho, chama a atenção a predominância das mulheres negras. Elas são 61% de todas as que declaram estar na condição de trabalhadoras desse tipo de economia. Um campo necessário de ser observado como um dos caminhos possíveis para a ampliação da autonomia financeira das mulheres³, e que funciona a partir das articulações em rede.

A questão permitia que as mulheres marcassem mais de uma opção, afinal faz parte da realidade brasileira trabalhadoras ocuparem mais de uma categoria quanto à situação de trabalho. Por exemplo: “desempregada” e “trabalhando por conta própria”. Como já foi destacado na seção “Números em destaque”, entre as mulheres que afirmaram “estar desempregada”, 58,5% são negras e 39% são brancas⁴.

Quando a situação é “donas de casa” percebe-se uma das maiores diferenças percentuais entre brancas e negras respondentes nessa questão. Entre todas as que se classificaram donas de casa, 58% são negras, 40% são brancas e 2% são indígenas e amarelas.

3. Leia a entrevista com Neneide Lima, coordenadora da Rede Xique Xique.

4. Leia também o artigo de Marilane Teixeira.

CAPÍTULO 2

A RESPONSABILIDADE COM O CUIDADO É PARTE DA VIDA DAS MULHERES

Uma parte da pesquisa se dedicou a compreender como as responsabilidades com o trabalho doméstico e de cuidado se reorganizaram no contexto da pandemia, considerando os diferentes trabalhos e tarefas que o cuidado cotidiano exige.

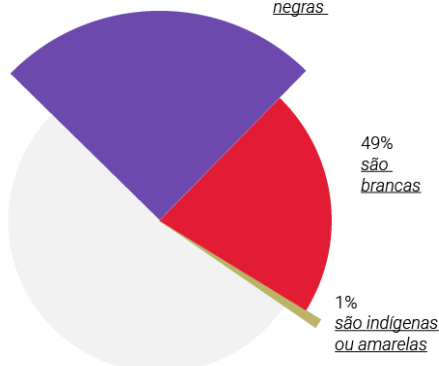
Destacamos que essa pesquisa se debruçou sobre o trabalho doméstico e de cuidado que as mulheres realizam de forma **não remunerada** em suas casas. Entre as mulheres entrevistadas na pesquisa, 47% afirmaram ser responsável pelo cuidado de outra pessoa¹.

Durante a pandemia

47%

das mulheres
são responsáveis
por cuidar de outra pessoa

50%
delas são
negras



¹. Para um olhar sobre as dinâmicas do trabalho doméstico remunerado, ver a entrevista com a presidente da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas e do Sindicato das Trabalhadoras Domésticas de Pernambuco, Luiza Batista.

Entre as mulheres responsáveis pelo cuidado de outra pessoa, 57% são responsáveis por filhos de até 12 anos, e 6,4% afirmaram ser responsável por outras crianças. As mulheres negras correspondem a 60% destas últimas. Esse dado indica que as mulheres cuidam de crianças para além do núcleo familiar, o que pode se dar tanto em famílias estendidas, envolvendo por exemplo sobrinhos, como em redes de cuidado que se formam na vizinhança. Já 27% afirmaram ser responsável por idosos, e 3,5% por pessoas com alguma deficiência.

A necessidade de cuidado costuma ser mais visível quando as pessoas vivem alguma situação de dependência, seja relacionada com a idade - por exemplo nos primeiros anos de vida ou idosos de idade avançada - seja relacionada com condições de saúde. Mas os estudos feministas indicam que os seres humanos são interdependentes, e mesmo as pessoas adultas precisam de cuidado, considerando inclusive as tarefas que compõem o trabalho doméstico parte do cuidado.

Incluímos no questionário a opção "adultos saudáveis e sem deficiência" como beneficiários do cuidado, buscando aferir se as entrevistadas consideram que também cuidam de pessoas socialmente consideradas "independentes" e tivemos o retorno de 14% de entrevistadas que indicaram ser responsáveis por pessoas nessas condições. Esse é um dado interessante para se ter em mente na leitura dos resultados da pesquisa, pois ajuda a desvelar uma camada muitas vezes invisibilizada na organização do trabalho doméstico e de cuidado.

O APOIO PARA O CUIDADO, QUE JÁ ERA INSUFICIENTE, FOI REDUZIDO DURANTE A PANDEMIA

Reconhecer-se responsável pelo cuidado tem implicações na organização da vida de quem cuida, e essas implicações estão

relacionadas com as possibilidades de divisão dessa responsabilidade entre as pessoas da família e equipamentos públicos ou privados externos ao núcleo familiar, redes de apoio ou contratação de trabalhadoras. Além da divisão sexual do trabalho, as possibilidades desta distribuição de responsabilidades, na sociedade brasileira, são marcadas pelas dimensões de raça e renda.

A pesquisa indica que 42% das mulheres responsáveis pelo cuidado de outra pessoa o fazem sem apoio de pessoas de fora do núcleo familiar. As mulheres negras indicaram ter menos apoio externo, correspondendo a 54% destes casos.

Raça também é uma dimensão que marca diferenças nas formas de apoio ao cuidado às quais as mulheres entrevistadas recorrem. 32,4% das mulheres disseram encontrar apoio para o cuidado entre parentes ou pessoas da vizinhança, sendo que, destas, 55,5% são mulheres negras. O apoio ao cuidado por instituições foi indicado por 15% das entrevistadas, sendo que, destas, 56% são mulheres brancas. O questionário indicava, como exemplos de instituições, creches e centro-dia, no caso de idosos, sem especificar se se tratavam de instituições públicas ou privadas. Entre as entrevistadas, 12% disseram que contratam uma pessoa para o cuidado, entre as quais, 52,4% são mulheres brancas².

No período de isolamento social, 51% das mulheres que contam com algum apoio para o cuidado afirmaram que o apoio diminuiu.

A necessidade de isolamento social reconcentrou os cuidados nos domicílios, com a interrupção do funcionamento presencial de creches e escolas. Mas é importante notar que uma parte significativa das mulheres responsáveis pelo cuidado de alguém, mesmo antes da pandemia, não contava com apoio para além do núcleo familiar.

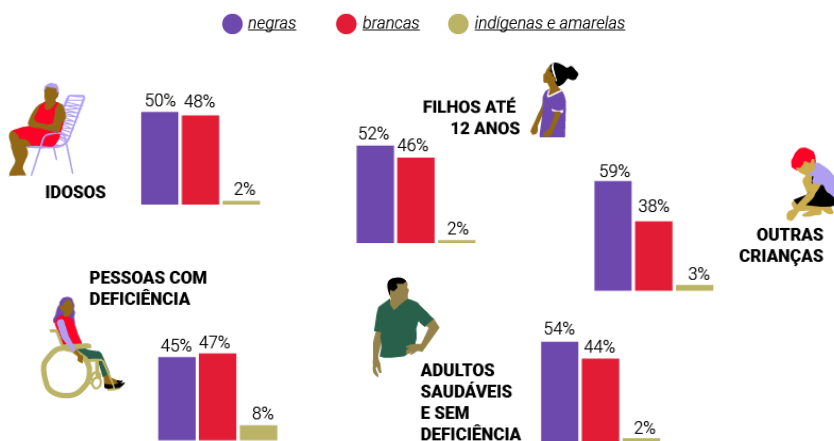
2. Leia também o artigo de Bianca Santana sobre trabalho, solidariedade e estratégia de mulheres negras.

AS MULHERES PASSARAM A CUIDAR AINDA MAIS

No período do isolamento social, 50% das mulheres passaram a apoiar ou se responsabilizar pelo cuidado de outra pessoa.

Entre essas mulheres, 80,6% passaram a cuidar de familiares, 24% de amigos/as e 11% de vizinhos.

De quem essas mulheres cuidam na pandemia?



Quando olhamos para a distribuição dessas novas responsabilidades de cuidados, entre aquelas que passaram a se responsabilizar pelo cuidado de familiares, encontramos um percentual maior (34,4%) entre as mulheres de 30 a 39 anos, e 25% entre 40 e 49 anos. Já entre as que passaram a cuidar de amigos, 28% estão na faixa etária de 30 a 39 anos, e 21% entre 20 e 29 anos. E, entre aquelas que passaram a cuidar de vizinhos, o percentual mais elevado de mulheres está entre 40 a 49 anos (27,3%), seguido pela faixa de 50 a 59 (26%).

Chama a atenção a maior responsabilização das mulheres rurais pelo cuidado de outra pessoa durante a pandemia, que

alcança 62%, sendo que a maioria dessas mulheres indicou o apoio ao cuidado de familiares e vizinhos/as. A experiência das mulheres durante a pandemia abre caminhos para pensar sobre as intensas dinâmicas entre o urbano e o rural, em que muitas vezes o rural funciona como uma reserva de cuidado, um lugar de acolhida em situação de desemprego, além de aportar materialmente para o sustento das famílias no meio urbano, sobretudo com a doação de alimentos produzidos no campo³.

A atenção, disponibilidade de tempo e presença são componentes do cuidado assumidos pelas mulheres na pandemia que também iluminam essas dimensões das necessidades humanas satisfeitas pelo cuidado. Ligar e monitorar foram atividades indicadas por 63% das entrevistadas. Ir ao supermercado ou à farmácia correspondeu a 56,6% dos cuidados assumidos, e fazer companhia 26%. (As entrevistadas poderiam responder mais de uma opção). Reforçam a perspectiva ampliada da interdependência entre as pessoas, assim como a responsabilização pelo cuidado como um processo social⁴.

MAIS ATENÇÃO, MAIS CUIDADO

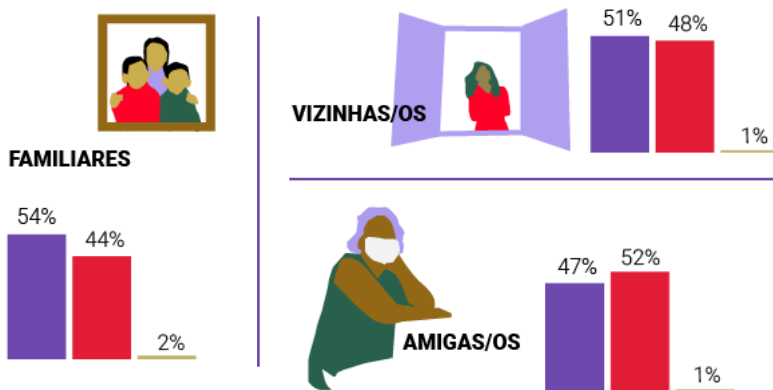
Entre as pessoas responsáveis diretamente pelo cuidado de alguém, seja de filhos de até 12 anos ou de idosos, o componente do cuidado que apresentou maior intensificação durante a pandemia foi a necessidade de monitorar ou fazer companhia, caso de 72,4% das entrevistadas. Entre aquelas que cuidam de filhos de até 12 anos, 37% consideram que houve um aumento, e 40% disseram que aumentou muito. Já entre quem cuida de idosos, 41% percebem ter havido um aumento, enquanto 28,3% disseram que aumentou muito.

3. *Leia mais sobre essa discussão no artigo de Miriam Nobre.*

4. *Leia também o artigo de Tica Moreno.*

De quem as mulheres passaram a cuidar na pandemia?

● negras ● brancas ● indígenas e amarelas

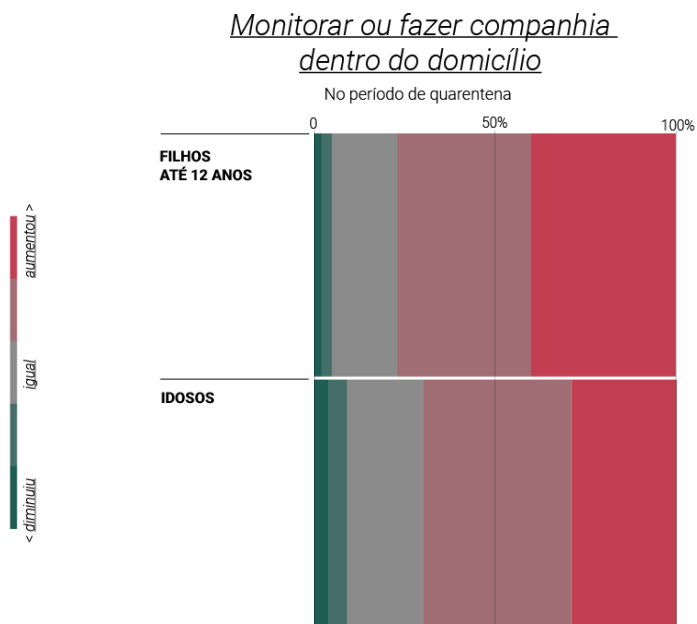


Os dados indicam diferenças nas percepções sobre o aumento da frequência e intensidade das tarefas relacionadas com o cuidado de acordo com a renda familiar das entrevistadas. As entrevistadas consideram que as atividades de ler, jogar ou brincar aumentaram mais do que os auxílios a atividades educacionais, respectivamente 55,7% e 49,3%. O auxílio às atividades educacionais alcança 61% entre as entrevistadas com renda familiar de 2 a 3 e de 3 a 5 salários mínimos. Já os jogos, brincadeiras e leituras alcançam 67,7% de aumento entre as entrevistadas com renda familiar de 1 a 2 salários mínimos, e 65% entre aquelas com renda de 3 a 5 salários mínimos.

"Acho que esta pandemia vai mostrar exatamente o que ocorre no quadro social já existente.. pois enquanto a classe média posta em seus Instagram como divertir uma criança como aprender mexer com papel machê fazer origami receita de comida pra passar o tempo sem tédio há pessoas que não conseguem. Nem manter as coisas limpas pois falta água sempre, não consegue acompanhar as aulas das crianças por não ter acesso a internet nem computador em casa..."

O TRABALHO DOMÉSTICO E DE CUIDADO SE INTENSIFICOU

A percepção das mulheres é que o trabalho doméstico e de cuidado se intensificou de forma geral.



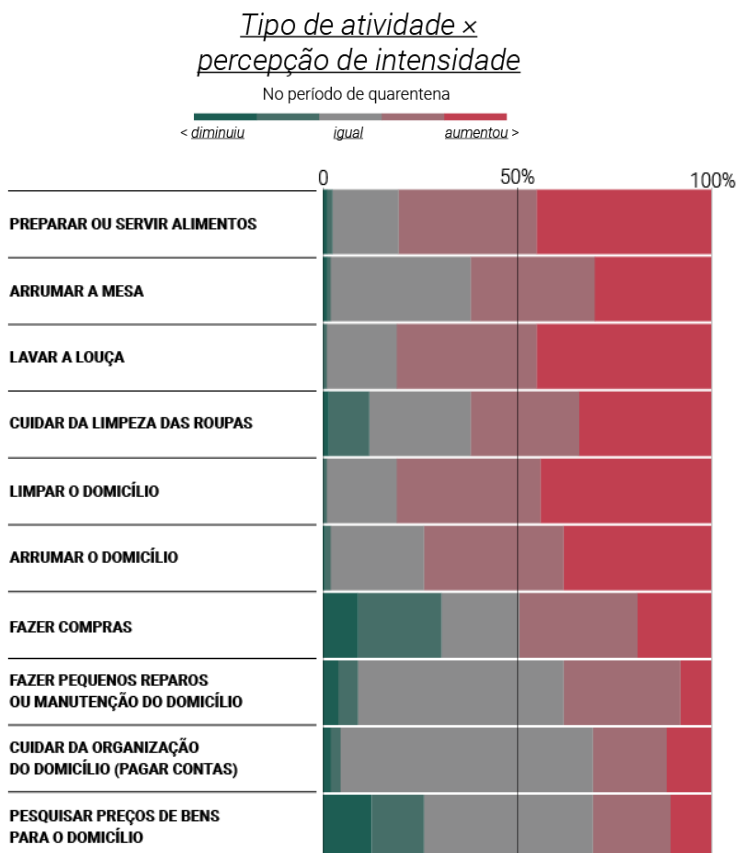
São muitas as tarefas que compõem o trabalho doméstico. A pesquisa mostra que preparar ou servir alimentos, lavar louça e limpar o domicílio estão entre as tarefas que mais se intensificaram no período da pandemia. **A responsabilidade pelo cuidado intensifica o ritmo do trabalho doméstico.**

Os resultados da pesquisa chamam a atenção para o aumento das tarefas relacionadas com o cotidiano das casas, especialmente entre as mulheres responsáveis pelo cuidado de idosos e/ou crianças de até 12 anos. Encontramos uma variação de cerca de 10% - quando comparadas à média da pesquisa - entre aquelas que consideram que "aumentou muito" a frequência e intensidade das tarefas de preparar comidas, lavar louças e limpar a casa.

SOBRECARGA E DISTRIBUIÇÃO DO TRABALHO DOMÉSTICO E DE CUIDADO

"Sinto sobrecarga mental sobre as tarefas domésticas e sobre o 'dever' de administrar a casa e decidir o que fazer ou não na manutenção da casa durante o isolamento."

Um número significativo das mulheres entrevistadas, 35,7%, são as únicas responsáveis pelo trabalho doméstico e de cuidado em suas casas (vale lembrar que 11% das entrevistadas indicaram morar sozinhas).



A pesquisa nos convida a refletir sobre as dinâmicas de (re)organização do trabalho doméstico. Quando perguntadas se a situação da pandemia alterou a distribuição das tarefas domésticas em suas casas, 64% das entrevistadas indicaram que no período do isolamento social a distribuição permaneceu a mesma, sendo que 23% avaliam que a participação de outras pessoas no trabalho doméstico e de cuidado diminuiu, e 13% consideram que essa participação aumentou. A percepção da diminuição da participação de outras pessoas no trabalho doméstico alcança 29% entre as entrevistadas cuja renda familiar é de 3 a 5 salários mínimos. Já o aumento da participação alcança 18% entre aquelas cuja renda familiar é superior a 10 salários mínimos.

A percepção das mulheres que indicaram seguir as medidas de isolamento social também é de intensificação do trabalho doméstico e de cuidado. Entre as que passaram a trabalhar em casa, com manutenção de salário, o percentual das que indicaram que as tarefas de preparar alimentos, lavar louça e limpar o domicílio "aumentaram muito" (respectivamente 57%, 57% e 52,4%) é superior. Ao mesmo tempo, destacamos que essa intensificação também é percebida pelas mulheres cuja situação de trabalho se mantém - porque já trabalhavam em casa - o que indica o aumento da demanda por essas atividades na situação particular em que os demais membros da família também estão no domicílio cumprindo as medidas de isolamento social. Entre estas, a percepção de que a intensidade dessas tarefas aumentou é superior à de que "aumentou muito".

É interessante notar que, entre as mulheres que estão conseguindo fazer o isolamento social, encontramos uma variação entre as percepções sobre a distribuição do trabalho doméstico e de cuidado. Em média, 24,5% das entrevistadas que afirmaram estar cumprindo as medidas de isolamento social disseram

que a participação de outras pessoas diminuiu, enquanto 15% disseram que aumentou a participação de outras pessoas. A percepção de que houve diminuição da participação de outras pessoas nessa distribuição alcança 41% entre aquelas que conseguiram permanecer em casa, com manutenção do salário, porém cujo trabalho remunerado não pode ser realizado a distância. Entre aquelas cuja situação de trabalho não se alterou (porque já trabalhavam em home office ou são donas de casa), a percepção de 29% é de que no período da pandemia diminuiu a participação de outras pessoas.

Condição salarial x
divisão de responsabilidades

Participação de outras pessoas na divisão de responsabilidades:

● *diminuiu* ● *permaneceu igual* ● *aumentou*



A percepção sobre a distribuição do trabalho doméstico e de cuidado deve ser lida à luz dos dados, apresentados anteriormente, sobre a composição do trabalho doméstico e de cuidado, a frequência e intensidade de cada tarefa no contexto da pandemia.

A manutenção da distribuição pode conviver com o aumento da sobrecarga das mulheres, se considerarmos que a intensificação e aumento da frequência de realização do trabalho doméstico e de cuidados não foram acompanhados por um aumento da participação de outras pessoas.

Alguns dos comentários que as entrevistadas deixaram ao final da pesquisa se relacionam com as percepções sobre a participação das outras pessoas que vivem no domicílio nesse trabalho essencial para a sustentabilidade da vida.

"Apesar de dividirmos as atividades, eu me sinto mais sobrecarregada pela carga emocional do cuidado com as crianças, especialmente gestão dos conflitos entre elas e uma atenção maior às variações de humor que possam ter. Além disso, minhas duas filhas estão tendo aula pela internet o que é insano, uma delas tem 7 anos e eu tenho que ficar ao lado dela."

"Existe desproporção entre responsabilidades, preocupações e cuidados. Há uma sensação de culpa sobre qualquer risco vivenciado que recai de forma desproporcional entre as pessoas e acho que tem a ver com gênero, com ser responsabilizada ou cobrada, sentir-se responsável pela segurança do outro e/ou do lar etc."

"Embora o marido tenha consciência da necessidade de divisão do serviço doméstico, homem fica fazendo vista grossa para a sujeira e em meu caso, muitas vezes acabo assumindo mais do que deveria."

"Sinto, que por mais que as tarefas sejam divididas com meu colega de casa, o peso e o modo como realizamos as tarefas é bem diferente. Há uma falta de cuidado por parte dele com

espaços divididos. Tenho sempre que tomar a iniciativa pra realizar as tarefas básicas."

"Antes meu companheiro já participava bastante, mas eu tinha que dirigir e dizer o que tinha que ser feito o tempo todo. Agora ele já sabe o que tem que ser feito e faz sem que eu tenha que pedir. De qualquer forma, fazer dois home office e um home schooling, com apenas um computador e ainda tendo que cozinhar, limpar e cuidar de nossa filha está sendo exaustivo e quase inviável. Também notamos que tudo está mais caro e temos gastado muito mais para fazer as mesmas coisas."

Os resultados da pesquisa chamam a atenção para pensar a organização do trabalho doméstico na relação com o trabalho remunerado, e vice-versa. **65,4%** das mulheres disseram que a responsabilidade com o trabalho doméstico e de cuidado dificulta a realização do trabalho remunerado. Entre as mulheres brancas, 20% consideram que dificulta um pouco, 12% que dificulta muito e 1,7% que inviabiliza totalmente. Entre as mulheres negras, 17% consideram que dificulta um pouco, 11,7% que dificulta muito e 2,6% que inviabiliza totalmente.

"Ser professora num momento como esse fez com que meu trabalho se multiplicasse. Trabalho em duas instituições e a minha carga horária diária tem sido de, no mínimo, 12h em frente a um computador, e sei que tantas outras colegas vivem essa realidade. E a maior parte das minhas colegas são mulheres, né? Quando essas mulheres professoras não possuem muitas habilidades com tecnologias, têm filhos em casa, pouco espaço para dar aula/gravar aulas em silêncio, a situação é ainda mais exaustiva. Tem sido bastante difícil gerenciar essa carga horária com as tarefas domésticas, qualquer tentativa de lazer e ter que ter inteligência emocional para oferecer apoio aos/às alunos/as (sejam crianças, adolescentes ou adultos) que também têm dificuldades de passar pelo confinamento."

“É muito difícil escrever academicamente nesse período. Em casa estamos fazendo o possível dividindo tarefas mas a carga é muito grande, mesmo que para um casal. Continuar trabalhando, cumprindo prazos, limpar, cozinhar.... Então realmente a situação está muito difícil.”

“E os trabalhos domésticos me impedem de me concentrar para realizar trabalhos no computador. O mesmo não acontece com meu marido que faz muito pouco em casa e tem a maior parte do tempo livre para trabalhar. E vejo que minhas amigas estão em um ritmo parecido.”

CAPÍTULO 3

RELAÇÕES, SENTIMENTOS E VIOLÊNCIA

A violência contra as mulheres é uma preocupação destacada na pandemia. Desde o início das ações de controle da pandemia da covid-19, diversas organizações feministas e especialistas apontaram para a possibilidade de aumento dos casos de violência contra a mulher em um contexto de isolamento social, em que as pessoas devem permanecer por muito tempo confinadas em suas casas. No Brasil, um dos países com as maiores taxas de feminicídios em todo o mundo, grande parte das mulheres reconhecem no ambiente doméstico a marca de um ciclo de violência silencioso e cotidiano. Aquelas que vivem com seus agressores, no contexto da pandemia, passam a ver reduzidas suas possibilidades de recorrer aos canais de denúncia e aos equipamentos públicos de acolhimento e proteção.

Quando perguntadas sobre suas percepções, 91,2% das mulheres acreditam que a violência doméstica aumenta ou se intensifica durante o período de isolamento social. Quando perguntadas sobre suas experiências pessoais, no entanto, apenas 8,4% das mulheres afirmaram ter sofrido alguma forma de violência no período de isolamento. Esse percentual aumenta entre as mulheres nas faixas de renda mais baixa (12,7% entre as mulheres com renda de até 1 salário mínimo) e é também maior entre as mulheres rurais (11,7%).

Compreender a disparidade entre percepções gerais das mulheres e seus relatos sobre suas experiências, exige compreender e dar visibilidade a uma dinâmica complexa de formas de violências que se reproduzem nas relações cotidianas e íntimas

e cujo reconhecimento é ainda um desafio que se impõe às ações de enfrentamento à violência contra a mulher. Esse é um desafio permanente em pesquisas sobre a violência.

Por isso, além da pergunta direta sobre se “Durante o período de isolamento social, você sofreu algum tipo de violência”, incluímos uma questão de múltipla escolha, na qual as entrevistadas poderiam marcar uma ou mais de uma atitude praticada por pessoas conhecidas durante o período de isolamento social: “ficou controlando o que você fazia”, “procurou mensagens no seu celular, redes sociais, e-mail”, “trancou você em casa”, “deu tapas, empurrões, apertões”, “ameaçou dar uma surra em você”, “bateu ou espancou você, deixando marcas, cortes”, “quebrou coisas suas ou rasgou suas roupas”, “insinuou continuamente que você tem amantes ou xingou você”, “desqualificou continuamente sua atuação como mãe”, “falou mal do seu trabalho doméstico repetidamente”, “forçou você a ter relações sexuais quando você não queria ou a praticar atos sexuais que não lhe agradam”, “estuprou você”.

Pelo menos uma dessas atitudes violentas ocorreu com 11% das mulheres, percentual superior ao das que identificaram ter sofrido violência, quando perguntadas diretamente.

As principais ocorrências estiveram relacionadas com formas de controle, ameaças, desqualificação das mulheres relacionadas ao trabalho doméstico e à maternidade. As formas de violência física e sexual apareceram em menor medida.

Há muito tempo o movimento feminista alerta que são muitas as formas de violência, algumas mais identificadas como tal (como a violência física), e outras mais silenciosas, veladas.

No ambiente doméstico, que sabemos não é o único lugar onde a violência sexista acontece, são diversas as manifestações da violência, incluída aí a violência psicológica.

Essa pesquisa contribui para mostrar como a violência não tem a ver apenas com o comportamento de um ou outro homem, mas é um processo que engendra as relações de poder entre homens e mulheres. E, nestas relações de poder, diversas dimensões se conjugam, em processos de subjugação das mulheres que vão construindo uma situação que dificulta que as mulheres reconheçam a violência e tenham condições para sair dessa situação.

A ocorrência da desqualificação relacionada ao trabalho doméstico e à maternidade no contexto da pandemia nos alerta para estas conjugações, justamente por todos os dados apresentados anteriormente em torno da intensificação do trabalho nesse período, das pressões relacionadas com a sustentabilidade das casas, e da permanência e aprofundamento da desigualdade na distribuição das responsabilidades com a preocupação e a realização do trabalho doméstico e de cuidado.

Os comentários deixados por escrito pelas entrevistadas contribuem para ampliar a reflexão sobre as formas de violência.

"Sobre os tipos de violência, me considerei como tendo sofrido, mas foi uma violência mais psicológica e a distância, do meu ex-companheiro."

"Eu cuido do meu pai, que tem 93 anos e está bastante debilitado. No entanto, repetindo uma atitude que ele teve ao longo da vida, ele é agressivo, egocêntrico e desrespeitoso muitas vezes. Não me sinto ameaçada fisicamente mas isto não significa que o isolamento não favoreça uma violência de outra ordem, mas que é igualmente machista, autoritária e que mina as forças e energia."

"Na resposta que trata do controle sobre mim em casa, aqui diz respeito ao medo excessivo do contágio por covid. Por esse motivo tudo o que faço é vigiado em termos de

higienização em casa e isso é sufocante, para além da sobrecarga de serviço que geram um cansaço absurdo. A noite já não tem mulher alguma, para além de tudo ter que namorar ao final do dia!!!!"

Algumas das entrevistadas compartilharam, nos comentários, situações como ter escutado, presenciado e reagido a situações de violência contra as vizinhas.

"Eu gostaria de comentar sobre uma situação de violência doméstica observada na casa de uma vizinha de condomínio durante o isolamento. Ouvi os gritos e alguns sons de golpes, tapas de um companheiro homem a uma mulher. Tentei fazer uma denuncia no 180 e a atendente me disse que não poderia fazer o registro pois a agressão estava acontecendo no momento da ligação e me instruiu a ligar no 190. Eu liguei, esperei mais de 20 minutos para ser atendida, e minha solicitação foi atendida. A denúncia foi registrada e enviaram uma viatura ao local (...). Tive meu sono alterado por dias e senti muito medo pela minha vida da minha vizinha, até porque uma das falas durante a discussão era "eu não aguento mais ficar com você nesta casa!" o que me faz acreditar que a violência naquele caso era agravada pelo isolamento social. Acredito que esse tipo de tentativa de denúncia (por terceiros) deveria ser mais bem instruída nos meios de comunicação. (...) Tudo aquilo foi bastante angustiante."

"Em outras unidades do prédio ouvimos muitas brigas conjugais."

"Eu não sofri violência doméstica, mas duas vizinhas, sim. Liguei 190 em ambas situações e em menos de 5 minutos as viaturas chegaram."

"Semana passada eu ouvi minha vizinha apanhar do marido dela, liguei pra polícia e eles não me deixaram fazer a ligação como anônima, então fiz no meu nome."

Essa atenção das mulheres para as situações de violência sofridas por outras mulheres pode indicar mudanças nas

percepções em torno da violência - como um problema que deve ser enfrentado. O ditado machista de que “em briga de marido e mulher não se mete a colher” é enfrentado, hoje com mais força, pelas práticas das mulheres e os dizeres históricos do feminismo “Se tem violência contra a mulher a gente mete a colher”. Durante a pandemia, muitas organizações iniciaram campanhas de denúncia sobre a violência contra as mulheres, como por exemplo as mulheres do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, assim como em muitas ações de solidariedade da Marcha Mundial das Mulheres essa tem sido uma dimensão destacada.

MUDANÇAS NAS RELAÇÕES DURANTE A PANDEMIA

Para 35,6% das entrevistadas, as relações entre as pessoas que vivem no mesmo domicílio permaneceram iguais neste período de isolamento. 26% consideram que as relações melhoraram, enquanto 27,3% indicaram que surgiram conflitos e 11,3% consideraram que conflitos preexistentes foram intensificados. A experiência de permanecer em contato permanente e contínuo com as pessoas, inédita para a maioria da população, é marcada por uma diversidade de situações. É preciso considerar que a forma de perceber as relações não é necessariamente estável, variando no tempo considerando o prolongamento do isolamento social.

“Meu filho veio se isolar comigo pra me cuidar. E foram momentos incríveis de troca, de amor, de cumplicidade e sim, de lavagem de roupas sujas também, mas numa atmosfera muito de empatia, amor e cumplicidade! Tenho esperança nesse momento caótico! Acredito na oportunidade que temos de reescrever as relações e uma nova maneira de viver!”

SENTIMENTOS DURANTE A PANDEMIA E EXPECTATIVAS SOBRE O FUTURO

O último bloco da pesquisa também procurou identificar como as mulheres se sentem neste período de pandemia. Recorremos aos comentários escritos pelas entrevistadas para complementar essa aproximação às experiências mais subjetivas dessa situação de emergência.

Entre as mulheres que participaram da pesquisa, 71% consideraram que os efeitos do isolamento social na saúde mental são sentidos mais sobre alguns moradores do que outros, enquanto que 29% indicaram que esses efeitos são igualmente distribuídos.

"Sinto-me como se estivesse em uma guerra e que preciso ser forte pra passar por tudo isso. Minha esposa é grupo de risco e isso pesa bastante, porque preciso me preocupar duplamente. Não choro, tenho lido, feito exercícios físicos, meditado, pois criei o objetivo de sair viva dessa pandemia e com uma boa saúde mental. Com muito esforço tenho conseguido que minha companheira faça o mesmo. Sinto que ela está mais abalada que eu."

"Recaindo tudo nas costas da mãe que já não está suportando as pressões e incertezas. As crianças irritadas por não saírem de casa pra nada, sem atividades que gastem energia, adoecendo... está um caos, verdadeiramente insuportável."

Perguntamos para as entrevistadas como elas se sentiam frente à situação da pandemia. As entrevistadas podiam marcar mais de uma resposta.

Medo do futuro foi o sentimento indicado pelas mulheres como mais intenso, com 30,9%. Ao mesmo tempo, 24,5% das mulheres indicam ter esperança, apesar de estarem pouco confiantes.

O período prolongado da situação da pandemia permite

refletir sobre a variabilidade dos sentimentos experimentados ao longo do tempo.

"A situação de isolamento social, no meu caso, intensificou o sentimento e a consciência de solidão, gerando alguma depressão com o passar dos dias."

"Tem um sentimento de solidão, mesmo estando todos em casa."

Os comentários das mulheres sobre os sentimentos e expectativas com o futuro "pós-pandemia" estiveram marcados por duas dimensões, uma relacionada com a situação política e a outra com as inseguranças geradas pelas situações econômica que as mulheres enfrentam.

"Pessoas como eu que já sofrem de ansiedade e também já estavam em busca de um emprego, vê as vagas se fechando mais ainda e a ansiedade aumentando."

"Tem faltado dinheiro e sobrado angústias e ansiedades."

"Gostaria de ter trabalho em casa. Isto se tiver onde morar depois desta situação toda passar."

"Acho que não saber o que irá acontecer, nem como iremos manter o aluguel tira o sono, a paz. Sem saber se vamos poder permanecer a pandemia inteira no mesmo lugar trás uma aura de instabilidade gigantesca. Não sei se em dois meses eu me mantenho e isso é desesperador."

"O isolamento deixa uma sensação de medo, fragilidade e falta de tempo, mesmo com tempo. As informações descontraídas, as pessoas próximas afastadas, não sabemos se vamos poder fazer alguma ajuda, e como podemos... São muitas dúvidas. As gestões meio que não se comprometem positivamente. Os materiais de proteção ainda são insuficientes, os profissionais de saúde ainda não tem assistência conforme recomendação da OMS."

"A falta de apoio do governo federal mexe significativamente com meu estado mental."

"Estou apreensiva. meu trabalho teve redução de jornada e de salário. Sou a única de 5 pessoas que ainda sai de casa para trabalhar. Sinto o futuro incerto. além da pandemia do novo coronavírus, vivemos em um país perdido politicamente."

"Estou apavorada com a forma que os políticos estão lidando com a pandemia, minha cidade não parou, funcionando normalmente, morrendo de medo do que virá."

"As notícias remotas sobre a situação no mundo (saúde, política e economia) aumentam o desconforto a cada dia!"

Por outro lado, também encontramos comentários sobre formas de organização para enfrentar os problemas dessa situação:

"Em nosso grupo de mulheres temos criado estratégias de encontros on line, grupos de WhatsApp, oferta de curso de sabão e máscaras para amenizar a problemática. Muito importante. Necessário pro momento."

As experiências de contato, organização e solidariedade podem apontar caminhos e reforçar a esperança para a reconstrução da vida em comum. Entre tantas ações de solidariedade organizadas pelas organizações e movimentos sociais durante a pandemia, as mulheres e especialmente as mulheres negras se destacam como protagonistas. São ações de auto-organização popular que respondem à situação de precariedade vivenciada pela maioria da população. Distribuição de alimentos, confecção de máscaras e produção coletiva de sabão, distribuição de informações sobre a covid-19 e as formas de prevenção, alertas e redes de apoio para o enfrentamento à violência, todas estas podem ser compreendidas como formas ampliadas de cuidado, que as mulheres assumem como responsabilidade e colocam em movimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

PISTAS PARA PRIORIZAR A SUSTENTABILIDADE DA VIDA NA REORGANIZAÇÃO DA ECONOMIA

Os dados, entrevistas e análises que compõem a pesquisa **Sem Parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia** lançam luz para as dinâmicas do cotidiano dos domicílios, com ênfase no trabalho e nas condições de vida a partir da experiência das mulheres. As análises a partir da desagregação dos dados por raça, renda, urbano/rural evidenciaram a intensificação e o aprofundamento de dinâmicas de desigualdade que estruturam a sociedade brasileira e são sentidas no dia a dia das mulheres.

Esse cotidiano de vida e trabalho marcado, para muitas, por sobrecarga e precariedade deve informar as propostas políticas para recuperação econômica, em debate nesse momento. Qualquer proposta política de recuperação econômica que pretenda colocar a vida no centro precisa assumir os processos que efetivamente sustentam a vida como um eixo central. Não bastam discursos genéricos que afirmam o acesso a renda desarticulado de políticas públicas efetivas – de proteção social, saúde, educação e saneamento básico – e sem propor mudanças substantivas na organização do trabalho, quando a informalidade e precariedade são as marcas do mercado de trabalho, especialmente entre as mulheres negras. E que, durante a pandemia, se generalizam ainda mais como realidade de um contingente cada vez maior de trabalhadores e trabalhadoras. Tampouco são suficientes propostas de recuperação econômica que desconsideram o trabalho doméstico e de cuidados como fundamental para transformar a renda em

consumo real (por exemplo na preparação de alimentos), em bem estar efetivo (pelo cuidado e atenção permanente).

A pesquisa evidencia dimensões concretas da vida e do trabalho das mulheres, entre elas a inter-relação permanente entre produção e reprodução, trabalho remunerado e não remunerado. As mulheres sentem em seus corpos e saúde mental a incompatibilidade entre jornadas superextensas de trabalho, tensões provocadas pela pobreza, e a responsabilidade pelo cuidado das pessoas que delas dependem. Integrar essas esferas é um desafio para uma sociedade que priorize a sustentabilidade da vida. Mais do que uma recuperação nos tradicionais indicadores econômicos, é necessária uma reorganização da economia que persiga os objetivos de construção de igualdade e justiça social.

A análise da situação das mulheres rurais durante a pandemia iluminou dimensões centrais da sustentabilidade da vida que podem orientar propostas políticas de reorganização da economia. Entre elas, a necessidade de garantir as condições para aumentar os plantios diversos das mulheres rurais e que contribuem para a segurança alimentar tanto no campo como nas cidades, o reconhecimento das redes de relação e cuidado extensas que conectam mulheres urbanas e rurais, enfrentando as desigualdades. Redes de cuidados que também são realidade entre as mulheres negras e dos estratos de renda mais baixa nas cidades, e que sustentam a vida em um cotidiano marcado por insuficiência de políticas públicas, precariedade e violência.

A pesquisa destacou aspectos da violência contra as mulheres, persistente realidade nos domicílios, relacionados com as relações de poder, formas de controle e desqualificação das mulheres. Os dados da pesquisa iluminam as conexões entre a violência psicológica e a manutenção da responsabilização das

mulheres por garantir a sustentação das casas e o bem-estar das pessoas que delas dependem. A promoção de autonomia das mulheres é chave no desafio de integrar essas conexões das ações e políticas de enfrentamento a violência.

A visibilidade dos trabalhos domésticos e de cuidados, essenciais para a sustentabilidade da vida, precisa ter como consequência política uma agenda que vá além do reconhecimento, e avance para que estes trabalhos sejam reorganizados, valorizados, redistribuídos. Para enfrentar a intensificação da sobrecarga com o trabalho doméstico e de cuidado, demonstrada pela pesquisa, são necessárias políticas orientadas a transformações estruturais. Não se trata apenas de uma negociação no interior de cada domicílio, muito menos de normalizar dinâmicas de terceirização e externalização, que reforçam a precariedade da vida e do trabalho de mulheres negras, deixando intactos e inquestionados os mecanismos de desresponsabilização do Estado, dos homens e do conjunto da sociedade com essas atividades que são essenciais para a sustentabilidade da vida. E, como a pesquisa demonstrou, não podem parar.

Se não podem parar, quem cuida de quem, e em que condições, são questões incontornáveis para projetos de sociedade que se pretendam justos e igualitários.

